

Laudo do IML cita mais de uma queda de Juliana no monte

Morte foi provocada por hemorragia interna e múltiplas lesões, segundo peritos brasileiros

Por Bruna Fantti (Folhapress)

O laudo elaborado pelo IML (Instituto Médico Legal), da Polícia Civil do Rio de Janeiro, não descartou a possibilidade de que a publicitária Juliana Marins, 26, tenha sofrido mais de uma queda antes de morrer na Indonésia.

Ela caiu no dia 21 de junho, enquanto fazia uma trilha no Monte Rinjani, o segundo vulcão mais alto do país. Esse é o segundo laudo no corpo da brasileira. O primeiro, feito na Indonésia, apontou que a morte ocorreu cerca de 20 minutos após o trauma, mas médicos não falaram quantas quedas ela sofreu. A reportagem teve acesso à íntegra do laudo, divulgado inicialmente pelo G1.

O documento produzido no Brasil indica que a morte ocorreu por hemorragia interna e múltiplas lesões. A morte decorreu diretamente de traumatismos por queda de altura.

Os peritos não conseguiram apontar a hora e o dia exatos do óbito. Segundo o legista, esse ponto fica “prejudicado pelas condições de embalsamento que chegou o cadáver e pela carência de história quanto à dinâmica do evento, pois é possível mais de uma queda”.

Questionado se havia sinais de permanência prolongada com vida após a queda ou lesão inicial, o especialista afirmou que “não houve prolongamento de vida”, mas destacou a possibilidade de ter havido um período de agonia antes da “queda fatal”.

Segundo o laudo, esse intervalo pode ter causado sofrimento físico e psíquico intenso, além de grave estresse endócrino, metabólico e imunológico decorrente do trauma. A presença de múltiplas lesões também reforça a hipótese de que a jovem tenha passado por mais de um episódio traumático antes da morte.

O novo laudo também confirmou a conclusão dos peritos indonésios, ao afirmar que, devido à gravidade dos ferimentos, o tempo de sobrevivência foi extremamente curto, estimado entre 10 e 15 minutos após os ferimentos fatais.

Quanto à demora para o resgate e sua possível contribuição para o óbito, o laudo destacou a necessidade de esclarecer



Juliana foi encontrada morta no Monte Rinjani

“quantos episódios decorreram do acidente”, ou seja, quantas quedas ocorreram.

Dessa forma, o perito não foi capaz de responder a outra pergunta feita pelos investigadores: se a ausência de atendimento imediato foi um fator determinante para a morte ou se o óbito seria inevitável mesmo com socorro rápido.

De acordo com os peritos brasileiros, não é possível, ainda, determinar a altura da queda que causou as lesões, sendo necessária uma perícia de local. “Podemos indiretamente afirmar que as lesões decorreram de impacto de alta energia cinética e que a dinâmica comprometeu mais o dimídio direito do corpo, sobretudo, sua face lateral”, diz o documento.

Em resposta ao questionamento sobre a influência de fatores como hipotermia, desidratação ou exaustão física, o perito observou que, considerando a localidade, é possível que fatores ambientais e o isolamento tenham elevado significativamente o estresse físico e mental da vítima. Não foi possível, no entanto, afirmar se a vítima apresentava sinais compatíveis com hipotermia.

O exame também não apon-



Juliana Marins com o grupo, antes de começar a fazer a trilha

tou sinais de desidratação, apenas ressecamento dos olhos.

Indagado se a vítima exibia sinais de fadiga intensa, como esforço físico intenso, o laudo apontou somente sinais de lesões musculares.

Laudo da Indonésia

Os exames feitos na Indonésia logo após o corpo ter sido resgatado apontaram que a

morte teria morrido no dia 25, de acordo com o médico legista responsável pela autópsia.

“De acordo com meus cálculos, a vítima morreu na quarta-feira, 25 de junho, entre 1h e 13h [horário local, entre 14h de terça e 2h de quarta, no horário de Brasília]”, disse o médico Ida Bagus Alit à BBC.

A ilha de Lombok, onde fica o vulcão Rinjani, tem um fuso

11 horas à frente de Brasília.

Contudo, essa estimativa da hora da morte de Juliana coloca em xeque o que havia sido divulgado pela Basarnas, a agência responsável pelas buscas e resgates da Indonésia, de que a publicitária brasileira foi encontrada já sem vida na noite de terça-feira (24).

“De fato, é diferente da declaração de Basarnas. Há uma

diferença de cerca de seis horas em relação ao horário declarado por Basarnas. Isso se baseia nos dados de cálculo do médico”, explicou o médico Ida Bagus Alit à jornalista Christine Nababan, da BBC News Indonésia.

Cronologia do caso

Marins caiu por volta das 6h (horário local) do sábado (21), ou 19h de sexta-feira (20), pelo horário de Brasília.

Horas depois da queda, ela foi vista sentada na encosta ainda com movimentos, em imagens captadas por drone de turistas.

Segundo o chefe do TNGR (Parque Nacional do Monte Rinjani), Yarman Wasur, a informação inicial era de que Marins teria caído inicialmente em um barranco a cerca de 200 metros de profundidade.

No entanto, quando a equipe foi até o local e pilotou o drone, a vítima não estava mais visível no ponto estimado inicialmente.

Dois dias depois, o perfil oficial do Parque Nacional do monte Rinjani no Instagram informou que Marins havia sido localizada por socorristas por meio de um drone, presa em uma encosta rochosa a uma profundidade estimada de 500 metros.

Na observação visual, ela permanecia imóvel, segundo as autoridades locais.

Assim, a brasileira pode ter sofrido mais de uma queda e não está claro após qual delas ela teria sofrido o trauma contundente que teria levado a sua morte, segundo as autópsias.

No dia 24, a equipe de resgate conseguiu se aproximar de Marins e declarou a vítima morta.

Seu corpo foi resgatado no dia seguinte, após os esforços de busca e resgate terem sido prejudicados pelo mau tempo e terreno acidentado.

Embora vários excursionistas tenham morrido no Monte Rinjani nos últimos anos, a morte de Marins recebeu a maior atenção, tanto no Brasil quanto na Indonésia.

Usuários de redes sociais brasileiros criticaram a operação de busca e resgate por serem muito lentas, enquanto a família da brasileira declarou nas redes que sua morte teria sido resultado de negligência e que planejam entrar com uma ação judicial.

“Não existe preto ou branco na política. Para entendê-la, é preciso enxergar bem mais que 50 tons de cinza”

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO